



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

HATILA MARIA SERQUEIRA PAZ NANDIM

**ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES E SEU PAPEL PEDAGÓGICO
NA CONSTRUÇÃO DOS ACAMPAMENTOS PRODUTIVOS DO MST: UM
ESTUDO DE CASO DO ACAMPAMENTO DOM CELSO -PORTO NACIONAL
TOCANTINS**

Porto Nacional/TO
2022

HATILA MARIA SERQUEIRA PAZ NANDIM

**ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES E SEU PAPEL PEDAGÓGICO
NA CONSTRUÇÃO DOS ACAMPAMENTOS PRODUTIVOS DO MST/ESTUDO DE
CASO DO ACAMPAMENTO DOM CELSO -PORTO NACIONAL TOCANTINS**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Ciências Sociais, para obtenção do título de Cientista Social e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora Dra. Fabiana Scoleso

Porto Nacional/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N176c Nandim, Hatila Maria Serqueira Paz.

Escola nacional Florestan Fernandes e seu papel pedagógico na construção dos acampamentos produtivos do MST/ Estudo de caso do acampamento Dom Celso-Porto Nacional Tocantins. acampamentos produtivos. / Hatila Maria Serqueira Paz Nandim. Porto Nacional, TO, 2022.

36 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins - Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2022.

Orientadora : Fabiana Scoleso

1. Educação. 2. Pedagogia o Movimento. 3. Acampamentos Produtivos. 4.
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HATILA MARIA SERQUEIRA PAZ NANDIM

**ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES E SEU PAPEL PEDAGÓGICO
NA CONSTRUÇÃO DOS ACAMPAMENTOS PRODUTIVOS DO MST/ESTUDO DE
CASO DO ACAMPAMENTO DOM CELSO -PORTO NACIONAL TOCANTINS**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Ciências Sociais, para obtenção do título de Cientista Social e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/ ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. FABIANA SCOLESO - UFT

Prof. Dr. MARCELO DE SOUSA CLETO - UFT

Prof. Dr. ELIZEU RIBEIRO LIRA - UFT

Porto Nacional, 2022

A teoria materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produto de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Leva, pois, forçosamente, à divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade [...]. A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como prática transformadora.

Karl Marx

“Em nossa época, o cientista precisa tomar consciência da utilidade social e do destino prático reservado a suas descobertas”.

Florestan Fernandes

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as mãos que seguraram a minha, abraçaram, levaram, encorajaram e me mostraram que era possível.

A Comissão Pastoral da Terra que me proporcionou a primeira experiência como pesquisadora e me apresentou as ciências sociais.

Quero agradecer a Leidiane que sonhou, acreditou, ousou e me encorajou a sair do Pará para estudar.

A Wanessa minha amiga irmã, que acompanhou toda minha trajetória e me ajudou a dar passos importantes para chegar até aqui.

A minha mãe Adélia que fez além do que pode para me manter estudando.

A irmã margarida que foi grande amiga me impulsionou a acreditar no meu sonho.

A pequena Tereza que me deu afeto quando estive longe de casa.

Ao grande amigo Tonhão que me acolheu como família.

A querida Paulina que me fez acreditar em mim, me deu afeto e cuidado quando precisei.

A Fran que me ajudou a dar os primeiros passos dentro da universidade, foi família e dividiu comigo momentos tão difíceis.

Ao meu padrasto Raimundo que cuidou da minha mãe para que eu pudesse estudar.

Ao querido Domingos que foi companheiro nas idas para a universidade.

A Luzirene com sua dedicação na secretaria das ciências sociais me deu os encaminhamentos necessário para resolver tantas questões que tive ao longo do curso.

Ao professor André Dermachi que me direcionou para os Movimentos Sociais.

A querida Lucy que me fez companhia e acolheu em sua casa quando precisei.

A minha orientadora Fabiana Scoleso que me deu a possibilidade de estudar os movimentos sociais, me ensinou com a sua disciplina quais passos deveria dar para ser cientista social.

Ao acampamento Dom Celso que me possibilitou conhecer o MST de perto, desejo antigo que carrega na minha bagagem.

Aos bolos da Aline que adoçaram a árdua caminhada acadêmica.

Ao professor Marcelo Cleto que me ensinou com a seu carinho e disciplina o quão seria é a profissão do cientista social.

A toda minha equipe de professores que além de me ensinar me levava e trazia de volta da universidade para casa desde o primeiro dia de aula. Cuidaram de mim.

Ao seu Eli taxista que se tornou amigo me ajudou em tantos momentos.

Ao professor Elizeu exemplo de teórico na questão de território e movimentos sociais do estado do Tocantins.

A Glesiane que cuidou de mim e dos meus filhos no meu puerpério alimentando em mim a possibilidade de concluir o curso.

Aos meus filhos e esposo digo que foi necessário passar tudo que passei para ser uma mulher, mãe e esposa realizada, e assim poder cuidar e amar eles com mais intensidade.

Gratidão a todos que não citei aqui mais que me ajudaram a dar passos na caminhada.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo ampliar e apresentar a história da Escola Nacional Florestan Fernandes e sua influência acerca do papel educador do MST para sua base acampada e assentada, assim como perceber como a pedagogia do movimento propõe transformar socialmente esses sujeitos. A pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender o papel pedagógico da Escola Florestan Fernandes e como a mesma reorienta a vida das camponesas e camponeses através dos acampamentos produtivos. Os dados obtidos e as reflexões presentes neste artigo são resultados de um projeto de extensão que ocorreu no acampamento Dom Celso/Porto Nacional entre os anos de 2017 e 2018 onde se procurou avançar os eixos pedagógicos para que acampadas e acampados pudessem se efetivar na terra e estar permanentemente em luta.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia do Movimento; Acampamentos produtivos; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;

ABSTRACT

This article aims to expand to present the history of the Florestan Fernandes National School and its influence on the educational role of the MST for its camped and settled base, as well as to understand how the pedagogy of the movement proposes to socially transform these subjects. The research was carried out with the objective of understanding the pedagogical role of the Florestan Fernandes School and how it reorients the lives of peasants and peasants through productive camps. The data obtained and the reflections present in this article are the result of an extension project that occurred in the Camp Dom Celso / Porto Nacional between those of 2017 and 2018 where we sought to advance the pedagogical axes so that camped and camped could take place on the ground and be permanently in struggle.

Keywords: **Education;** Pedagogy of the Movement; Productive camps; Landless Rural Workers Movement;

LISTA DE SIGLAS

CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENFF	Escola Nacional Florestan Fernandes
FHC	Fernando Henrique Cardoso
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NURBA	Núcleo de Estudos Urbanos, Regionais e Agrários
PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
PT	Partido dos Trabalhadores
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA.....	15
3 O MST E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA: UMA HISTÓRIA DE AVANÇOS, RETROCESSOS E AVANÇOS	16
4 A EDUCAÇÃO COMO BASE PEDAGÓGICA DE RESISTÊNCIA PARA O MST	18
5 A ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE LUTA DO MST	20
6 A ESCOLA E O SETOR DA AGROECOLOGIA	23
7 A REFORMA AGRÁRIA POPULAR E O PLANO EMERGENCIAL	25
8 A PEDAGOGIA DO MST	27
9 COMO A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO MST SE EXPRESSOU NO ACAMPAMENTO DOM CELSO?	28
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um dos mais importantes movimentos sociais camponeses do Brasil, e traz consigo as características que cabem a eles, um projeto novo de desenvolvimento e educação, “projeto popular de sociedade” (RIBEIRO, 2013). No Brasil, a preocupação de se estudar o tema Movimentos Sociais surge em um contexto de ditadura militar e em um momento em que as Ciências Sociais e suas pesquisadoras e pesquisadores estão levando para o campo científico também a construção de ferramentas que possam combater a ditadura e lutar pela conquista de direitos sociais no país.

Na década de 1980 muitos movimentos sociais se espalham pela América Latina. As universidades brasileiras precisaram usar de recursos científicos europeus para analisar e registrar esse momento histórico que despertava na região (GOHN, 2014). Com o passar do tempo, se percebeu a necessidade de criar novas categorias de análise a respeito destes movimentos devido ao passado de colonização, suas permanências e pela atualização das formas políticas e organizacionais das suas lutas por toda a América Latina.

O MST foi criado na década de 1980, ainda sob vigência da ditadura militar. Nas décadas seguintes consegue consolidar uma história de lutas e conquistas contra as investidas da burguesia brasileira e o capital internacional. Um dos momentos de grande tensão na década de 1990 foi certamente aquele que se convencionou a chamar Massacre de Corumbiara¹ e o de Eldorado dos Carajás². A construção histórica do MST se deve a uma trajetória de resistência versus o modelo econômico capitalista que sempre imperou no Brasil. A estratégia de ocupar terras, organizar acampamentos, criar cooperativas de produção e comercialização, além de fundar escolas de lideranças para formar seus militantes, foram as preocupações para manter o movimento ativo e suas estratégias renovadas. O MST sempre entendeu que a educação básica dos camponeses, e a formulação de cartilhas que o próprio movimento produzia, seriam as bases pedagógicas para entender sua efetivação na terra e para configurar seus instrumentos de luta e resistência (GOHN, 2014).

¹ Para mais ver: <https://mst.org.br/2005/08/08/o-massacre-de-corumbiara-mais-dez-anos-de-violencia-e-impunidade/>

² Para mais ver: <https://www.bing.com/search?q=massacre+de+eldorado+dos+carajás+historia&cvid=443e38b9faf546489e14554990663^90&aqs=edge.1.69i57j0l2.8849j0j4&FORM=ANAB01&PC=DCTS>

Desde o princípio das ocupações e da constituição de assentamentos, a educação fez parte da temática organizativa do movimento. A construção de um “projeto popular para o Brasil”³ tornou-se tarefa indispensável para manter o movimento camponês em luta pela terra. Com o modelo político neoliberal fixado no país desde o início da década de 1990, a reforma agrária precisava ser pensada e entendida não apenas pela efetivação dos sujeitos sociais na terra, mas também como forma de transformação dos sujeitos políticos coletivos. Uma reforma agrária ampla, que de fato atendesse as necessidades da mulher e do homem do campo e não aquela dominada pelos interesses do capital e, essencialmente, limitante. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra sempre entendeu a Educação como principal ferramenta de modificação do pensamento e de transformação da humanidade.

No final do século XX a cartilha neoliberal e a agenda de integração ao mercado mundial se consolidam no Brasil e trazem mudanças importantes para a expansão da fronteira agrícola e de sua produção. O avanço da maquinaria e da tecnologia no campo, assim como a expansão das monoculturas, que espolia, expulsa e subordina os camponeses e suas terras, gerando uma nova lógica produtiva no campo que é mais conhecida hoje como a cadeia de valor do agronegócio.

O MST consegue estabelecer suas linhas teóricas e organizativas contra o modelo capitalista neoliberal para enfrentar o agronegócio, o latifúndio, a imprensa e o ativismo do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) que direciona a expansão do agro no Brasil assim como institui uma Reforma Agrária mais conhecida como uma política pública que atende ao mercado e que fazia parte da agenda política do Banco Mundial⁴. O modelo que se instituía, ao invés de distribuir terra, expulsava ou subordinava os camponeses à lógica do capital destrutiva monopolista.

O Movimento acredita que deve ser criado no Brasil um modelo econômico que integre o camponês e que esse modelo seja “para além do capital” (MENEZES NETO, 2016, pg. 65).

No século seguinte o MST se destaca como movimento resistente a mudança de século, se tornando um dos mais importantes movimentos do campo no mundo e o mais importante no Brasil.

³ <https://fonec.org/wp-content/uploads/2021/04/projeto-popular-e-educacao-do-campo.pdf>

⁴ PEREIRA, João Marcio Mendes. Estado e mercado na reforma agrária brasileira (1988-2002). Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no. 56, p. 385-404, julho-dezembro 2015.

Este artigo é baseado em pesquisa feita através do projeto de extensão no Acampamento Dom Celso, Porto Nacional – Tocantins e tem como objetivo, compreender como o processo pedagógico de formação política e produção agroecológica que procurou potencializar a luta do Movimento pela reforma agrária neste território, transformando os sujeitos excluídos socialmente e transformando-os em militantes Sem Terras em luta constante contra a especulação imobiliária, expansão da fronteira agrícola e contra o grande capital.

O princípio da luta pela terra é a estratégia pedagógica do acampamento produtivo, instrumento de luta do movimento. O Acampamento é a primeira etapa da luta pela terra é o momento chave para a condição “ser sem terra”,⁵ podendo ser ele a beira da estrada ou nos territórios pretendidos. No caso do Dom Celso, o acampamento se caracterizaria por ser produtivo.

O Acampamento Dom Celso foi formado pelo MST no ano 2015 e está localizado à 18 quilômetros do município de Porto Nacional – Tocantins. A princípio se trata de uma área de assentados criado no ano de 1995 cujo primeiro nome foi “Assentamento Retiro”.

Como mencionado acima, o Dom Celso faz parte da nova modalidade do MST em acampar dentro da área pretendida “que não é tão nova assim”⁶, as famílias são organizadas em glebas e possuindo um lote dentro delas.

Por meio do Projeto de extensão da UFT pudemos perceber como o MST constrói pedagogicamente os sujeitos sociais sem terra e suas ações, transformando a consciência coletiva dos acampados. Sob o projeto de Reforma Agrária Popular, o acampamento se insere de forma particular na luta pela terra no estado no Tocantins. Este artigo tem como objetivo apontar a histórica luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra ao longo das décadas de 1980 e 1990, o surgimento da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) em 2005 e o caso do acampamento Dom Celso em Porto Nacional. A convergência entre estes três aspectos é a forma como entendemos que se dá a construção dos sujeitos em luta e as formas políticas e organizacionais de sua configuração como acampamento produtivo.

⁵ <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/gt-21/gt14-13/4981-mariaturatti-acampamentos/file> e <https://mst.org.br/2015/10/08/a-identidade-cultural-do-ser-sem-terra/>

⁶ NA experiência que tive dentro do acampamento pude ver uma liderança do movimento explicando que o MST sempre ocupou áreas não utilizando só os acampamentos na beira da estrada como reivindicação de terras. Na ocasião se 20 anos do MST no estado do Tocantins.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza qualitativa, seguindo os procedimentos de pesquisa e revisão bibliográfica e de estudo de caso. Tomando como referencial Antonio Carlos Gil, a pesquisa qualitativa fornece dados obtidos em condições naturalísticas e possibilita a compreensão dos fenômenos sob a perspectiva dos próprios participantes⁷ e, nesta pesquisa, delineado como estudo de caso. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir dos temas centrais da investigação, como teoria dos movimentos sociais, educação e pedagogia freiriana do MST e acampamento produtivo, além de publicações realizadas pelo projeto de extensão sobre o acampamento em estudo. O trabalho de campo contou com a participação de uma equipe multidisciplinar, além das acampadas e acampados Dom Celso no ano de 2017/2018. As atividades realizadas neste período foram fruto de um projeto de extensão que teve como objetivo desenvolver eixos centrais de formação política e configuração da vida e luta pela terra através dos princípios da práxis pedagógica do Movimento de Trabalhadores Sem Terra.

⁷ GIL, Antonio Carlos. Como fazer pesquisa qualitativa. Rio de Janeiro: Atlas, 2021.

3 O MST E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA: UMA HISTÓRIA DE AVANÇOS, RETROCESSOS E AVANÇOS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem uma atuação histórica nas lutas camponesas e pelas políticas de Reforma Agrária no Brasil, desde seu surgimento no ano de 1984, o movimento figurou como resistência diante das políticas conservadoras da ditadura militar e dos grupos políticos que nela orbitavam. De 1979 a 1984 os camponeses, junto com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), deram um passo para uma nova etapa de organização, com o intuito de criar um organismo de luta pela reforma agrária que se espalhasse pelo território nacional. Deste ponto de partida, o MST cresceu enquanto movimento social camponês, se tornando referência no Brasil e fora dele⁸. (FERNANDES, 2000)

A história do MST e do Partido dos Trabalhadores (PT) se cruzam, e como resultado das suas lutas na década de 1980, procuravam também influenciar na agenda política de ambos. Nesta mesma década, o PT concorreu e conquistou alguns cargos políticos e procurou inserir os debates oriundos dos movimentos sociais. Suas conquistas políticas concretizavam seu objetivo teórico de construção de um modelo de desenvolvimento que consolidasse a justiça social e a democracia, além de mecanismos jurídicos que colaborassem com a superação da miséria, pobreza e das desigualdades sociais, tendo como centro desse novo modelo de política o tema da reforma agrária⁹. (SANTOS, 2005)

Na caminhada e no avanço das políticas sociais do Brasil, movimentos sociais e partidos de esquerda estiveram lado a lado. Os movimentos sociais se organizaram de forma que conseguiram exigir desses partidos a integração de um debate mais voltado às causas populares.

No caso das políticas agrárias o avanço não foi como se esperava. À medida que o tempo foi passando, cada vez mais a parcela de terras destinadas a reforma agrária e as políticas públicas destinadas à agricultura familiar foram diminuindo. A inserção do Brasil na era neoliberal alterou algumas das trajetórias que estavam se desenhando entre as décadas de 1980

⁸ FERNANDES Bernardo. 2000. A formação do MST no Brasil. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/autor/bernardo-man%C3%A7ano-fernandes>

⁹ ANAIS ANPUH. Trajetórias do PT e do MST: a ação política entre a resistência e a institucionalização. 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0118.pdf>

e 1990. A chamada “Era dos Fernandos”¹⁰ criou as condições políticas e econômicas para uma atualizada integração subordinada. Em relação ao campo o que mudou foi a intensidade dos conflitos. O interesse pela terra e a expansão dos interesses capitalistas sobre ela também atualizou as contradições, os conflitos e também as resistências. Os massacres de Corumbiara e de Eldorado dos Carajás em meados da década de 1990 são momentos em que o conflito e a violência se tornaram tônica especialmente no norte e no nordeste brasileiros.

As formas como os confrontos se desdobraram redefiniram as estratégias do MST por inúmeras vezes. As mortes e a vulnerabilidade daqueles que lutavam pela terra os transformava em vítimas de um destino historicamente marcado e que, mais uma vez se repetia. A luta e a resistência não podiam parar, mas era evidente que as estratégias de luta precisavam ser repensadas.

¹⁰ SCOLESO, Fabiana. Reestruturação produtiva e Sindicalismo Metalúrgico do ABC Paulista: as misérias da Era Neoliberal na década de 1990. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

4 A EDUCAÇÃO COMO BASE PEDAGÓGICA DE RESISTÊNCIA PARA O MST

De acordo com Rossetto (2021), a educação é eixo fundamental para o MST desde seu surgimento. Esta temática foi incluída ao movimento pela necessidade de integrar as crianças pertencentes as famílias acampadas, ainda no princípio de sua história na década de 1980.

Com o passar do tempo e do caminhar da luta, o movimento vai acrescentando motivos para ampliar a discussão da educação como pauta transformadora. Rossetto (2021), faz um apanhado do processo histórico sobre a inclusão do setor de educação no movimento:

Em 1984, o MST teve sua primeira escola reconhecida pelo poder público, nomeada Margarida Maria Alves, no assentamento de Nova Ronda Alta/RS. Na década de 1990 a necessidade era alfabetizar os jovens e adultos, por conta da organicidade dos primeiros assentamentos e acampamentos, ou seja, da implementação das cooperativas nos assentamentos. Nesse mesmo período surge as primeiras creches (que mais tarde será chamada de cirandas infantis) nos assentamentos onde já estava organizado o trabalho coletivo nas cooperativas. (ROSSETTO, p.58)

Novas demandas vão surgindo e em 1996 o movimento realiza suas primeiras experiências no ensino técnico por meio das cooperativas, tanto no ensino superior como na pós-graduação. No ano de 1998, com a realização da I Conferência Por Uma Educação Básica Do Campo, o MST juntamente com outros movimentos populares, colocam como necessário um modelo autônomo de educação que coubesse dentro de si as transformações sociais das classes populares. De acordo com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo,

A educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações de sociedade humana. (Brasil, 2001, p. 1)

Junto com os movimentos populares brasileiros, o movimento Sem Terra vê a necessidade de definir e conceituar a educação do campo, partindo da negação do conceito de rural e assumindo o campo “como espaço histórico da disputa pela terra e educação” (RIBEIRO 2013, p.41)

A educação precisava ser compreendida como mecanismo de permanência daqueles que almejam a inclusão social campesina, que se tornou muito mais complexa daquela necessidade dos primeiros assentados do movimento na década de 1980 na região sul do Brasil. Faz parte do projeto político pedagógico do movimento, a construção de uma reforma agrária que contribua para um novo modelo de sociedade. Analisando a história do MST, conseguimos perceber o tamanho dos resultados obtidos na construção da consciência de classe dos camponeses através da educação e de uma práxis pedagógica.

De acordo com dados do próprio Movimento, mais de 200 mil crianças, jovens e adolescentes tiveram acesso à educação através do MST. São também 50 mil adultos alfabetizados, 2 mil estudantes nas escolas técnicas e mais de 1000 cursos de graduação em todo país em parcerias com escolas públicas¹¹. (MST, 2022)

São números significativos de um resultado de mais de 30 anos do setor de educação do movimento. Mais vale salientar que esse não é um processo fácil, a educação no MST passa pelas instituições públicas e depende de prefeitos, governadores e da União por meio de políticas públicas governamentais e investimentos. Neste sentido enfrenta múltiplos desafios e contradições porque as mudanças de governo podem acelerar ou simplesmente paralisar um processo, assim como ocorre com a luta pela reforma agrária.

Dentro do movimento camponesas e camponeses a base acampada possuem acesso à educação com as escolas itinerantes e até mesmo escolas dentro dos acampamentos. Muitas vezes são elas que garantem para os filhos dos acampados o direito ao acesso à escola. Pode se considerar que, muitas vezes, esse é um dos fatores que garantem a permanência das famílias no movimento. A escola itinerante, por exemplo, é construída antes mesmo dos barracos de moradia servindo de centro de encontros para toda a comunidade. (MST, 2022)

Para Menezes Neto (2016), nos anos 1990 o setor da educação no MST tornou-se maior do que a reforma agrária em si. O autor diz isto pela dimensão que o setor de educação do movimento alcançou criando inúmeras escolas técnicas de nível fundamental e médio e superior¹².

¹¹ <https://mst.org.br/educacao/>

¹² Menezes Neto 2016 demonstra em um dos seus capítulos detalhando todo esse contexto de construção da educação, suas escolas, famílias beneficiadas, nas instancias da educação básica técnicas, e de nível superior. Encontramos o assunto também em (CARTER 2010, p.367)

5 A ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE LUTA DO MST

Entre tantos projetos em educação elaborados pelo MST, certamente a Escola Nacional Florestan Fernandes, é hoje, referencial, quando se fala em educação e formação política.

A Escola Nacional Florestan Fernandes fica localizada no município de Guararema, no estado de São Paulo e foi inaugurada no ano de 2005, e construída como ferramenta de formação política da classe trabalhadora nacional e internacional.

Nas palavras de Giulio Di Meo, na obra, *MST 30 anos retratos de gerações em luta*. A ENFF é uma ferramenta dos Sem Terra e de todos da Via campesina brasileira e internacional para a formação política da classe trabalhadora.

A ENFF tem um compromisso com a educação, o estudo e a transformação social, possibilitando elementos para a análise crítica da realidade e proposições de superação dos problemas que atingem nossa sociedade. (DI MEO, p.198)

A mesma foi construída entre o ano de 2000 e 2005 em Guararema estado de São Paulo, contando com a colaboração de voluntários do movimento, artistas e intelectuais. Sendo a primeira escola que centralizava a práxis pedagógica do MST, a ENFF foi construída com o papel de formadora popular.

A ENFF busca ampliar o acesso da classe trabalhadora ao estudo e aos conhecimentos dos quais é historicamente excluída. E vincular esses conhecimentos e saberes a um projeto de país, uma concepção de transformação social em prol dos excluídos. (MST, 2020)

Na comemoração do centenário de Florestan Fernandes e os 15 anos da ENFF, o movimento emitiu uma nota, homenageando a escola e o pensador. Na visão de uma das coordenadoras da escola Ana Lucia Duarte,

“... a ENFF cumpre um papel importante ao ser um pilar na formação política ideológica de militantes, dirigentes e quadros das organizações populares, movimentos da classe trabalhadora do Brasil, da América Latina e do mundo. “O processo de formação está ligado ao projeto popular de transformação social, que se constrói a partir das experiências das organizações sociais e das

ações concretas, possibilitando ao sujeito (coletivo) intervir na sua própria realidade e transformando-a”, defende ela¹³. (MST 2020)

O sociólogo Florestan Fernandes via a educação como instrumento de transformação social. Segundo ele a educação podia ser um elo de libertação do trabalhador da condição de oprimido, “é preciso que o trabalhador encontre condições de autoemancipação intelectual, cultural e política e que, portanto, seja tirado desse nexo através do qual o trabalhador é incorporado à reprodução da ordem do modo de produção capitalista” (FERNANDES 2020, p230).

Esse ideal de educação socialista que defendia Florestan foi uma das inspirações do MST na criação da ENFF. O MST vê a formação política adquirida pela classe trabalhadora na ENFF, como uma ferramenta importante na construção do socialismo.

Seria necessário(concluiu) que a revolução democrática se aprofundasse para estabelecer condições de criar uma universidade capaz de servir aos trabalhadores, sem submete-los a condição de escravo; onde eles pudessem receber uma educação instrumental, útil para sua auto emancipação e, sobretudo, para que não se desvincilhem em suas identidades e seus papéis sociais, dos objetivos que definam a relação da classe trabalhadora com a transformação da sociedade capitalista. (FERNANDES,2020, p.229)

A ENFF foi projetada e construída partindo dos princípios políticos e da práxis pedagógica do MST. Sua construção contou com 25 brigadas de homens e mulheres somando 1000 pessoas vindo de assentamentos e acampamentos e com doações e verbas de simpatizantes do movimento. A construção estrutural foi feita partindo do princípio de respeito ao meio ambiente, os tijolos utilizados na construção, foram feitos no local.

Suas salas de aula, auditório, biblioteca, foram homenageadas com nomes de militantes que inspiram e impulsionam o movimento. Como: “Frida Khalo, Patativa do Assaré, Antônio Cândido, Marielle Franco, Patrícia Galvão – conhecida como Pagu –, Vito Gianotti, Rosa Luxemburgo e Paulo Freire são alguns militantes, autores e intelectuais que nomeiam as instalações coletivas da escola.

A teoria do projeto pedagógico da Escola é embasada por diversos intelectuais como Paulo Freire, José Martí, Anton Makarenko, Florestan Fernandes dentre outros. Os trabalhos

¹³ <https://mst.org.br/2020/07/21/no-centenario-de-florestan-fernandes-mst-celebra-15-anos-da-escola-nacional/>

realizados na Escola são baseados em princípios como a coletividade, solidariedade, respeito ao meio ambiente e consumo de alimentos produzidos agro ecologicamente.

A agroecologia também é um eixo fundamental da escola e conta com curso de capacitação para técnicos de assentamentos e acampamentos é tida como princípio pedagógico de produção de alimentos.

“A horta aqui pra escola ela serve para abastecer o restaurante que a gente tem lá. E também serve como um espaço para as pessoas que vem fazer os cursos aqui, para os estudantes, os educandos, poder vir também conhecer um pouco da proposta nossa de agroecologia. Nós produzimos totalmente sem o uso de agrotóxico” ... “Uma coisa que a gente própria produziu, a gente plantou e colheu, entendeu? A gente cuida. A gente planta, não é só o prazer de plantar, nós planta para cuidar dela.” A maioria dos produtos é aproveitada no próprio refeitório, mas quando há excedente eles são doados ou comercializados na comunidade ou no Armazém do Campo, loja do MST que fica no centro da capital paulista¹⁴. (BRASIL DE FATO, 2017)

Descrever como é a ENFF é uma importante contribuição de entendimento do processo pedagógico do MST que faz nascer um novo sujeito social: o sujeito Sem Terra. Como formadora política dos militantes do movimento, a escola tem um importante papel na construção da reforma agrária popular.

Na dimensão pedagógica a ENFF contribui com a construção do cotidiano camponês através das relações humanas, trabalho, mística, organicidade, estudo, arte e cultura. Fomentando nos camponeses o desejo de transformação social do campo e da cidade.

¹⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/08/agroecologia-e-principio-da-escola-nacional-florestan-fernandes-do-mst>

6 A ESCOLA E O SETOR DA AGROECOLOGIA

O século XXI no Brasil, tem como um dos marcos iniciais a consolidação do agronegócio como modelo de produção de alimentos e de desenvolvimento, apoiado pelo capital nacional e internacional e pelas políticas de governo.

A agroecologia por sua vez é a forma que o movimento dos trabalhadores encontrou para se opor a esse modelo capitalista, que desde o início de sua implantação, expulsa os pequenos produtores do campo. A mesma tem encontrado muita dificuldade de reconhecimento nacional, em um país que já possui um modelo agrícola consolidado não só na produção, mas no modelo de consumo, com raízes profundas na colonização, nos grandes latifúndios e no monocultivo.

No MST, a Agroecologia ganhou espaço e é vista como mais que um modelo de produção agrícola, a mesma é parte importante no projeto político do movimento Reforma Agraria Popular:

O Movimento entende a agroecologia como um projeto político social de novos desafios da luta pela reforma agrária, uma vez que, o papel fundamental na agricultura é um processo sustentável que trabalha a formação, produção, sustentabilidade e comercialização, tudo isso trazendo diversos benefícios desde a qualidade de vida, qualidade do alimento, valorização do trabalhador do campo, rastreabilidade dos produtos, preservação do meio ambiente e renda para camponeses e camponesas¹⁵. (MST, 2020)

Para Menezes Neto (2016), a produção sustentável proposta pelos movimentos campesinos corre risco de ser apenas “nicho” da agricultura brasileira. Porque o agronegócio tomou conta do campo e conta com investimentos do governo, bem maiores do que os destinados para agricultura familiar, além do grande incentivo e investimentos advindos do capitalismo internacional e da necessidade de expansão da fronteira agrícola. Para o Autor, esse processo de disputa de espaço no campo é um fato histórico no Brasil e a mais de 500 anos o capital tem sido liderança nessa disputa de luta de classes. (MENEZES NETO, p.92)

Dito isso, ousamos dizer que o MST tem conhecimento do “terreno em que pisa”. No texto do programa Reforma Agraria Popular (Lutar, Construir Reforma Agraria Popular), o movimento deixa claro que o seu programa não propõe uma “revolução agrária imediata”.¹⁶

¹⁵ <https://mst.org.br/2020/10/03/reforma-agraria-popular-um-projeto-de-sociedade-construido-no-campo/>

¹⁶ <https://mstbrasilien.de/wp-content/uploads/2014/02/Cartilha-Programa-agr%C3%A1rio-do-MST-FINAL.pdf>

A escola Florestan Fernandes é um agente desse processo de reforma agrária popular. Seu objetivo é dar condições intelectuais ao trabalhador do campo para que possa interpretar de forma crítica a sua realidade, pautadas em valores socialista, para que se tornem agentes de mudança e da transformação social.

A Agroecologia é parte fundamental do pensamento político da ENFF, seus estudantes aprendem na teoria e na prática porque existe a necessidade de se construir um novo modelo agrário de produção de alimentos, que se oponha ao modelo do capitalismo neoliberal.

O MST possui um projeto de reforma agrária que radicalmente distinto do modelo capitalista e que foi lançado no ano de 2013 no VI Congresso Nacional do MST¹⁷ realizado na cidade de Brasília, sob o tema “Reforma Agraria Popular”. O Projeto já vinha sendo discutido dentro do movimento e a ocasião serviu para o lançamento. De acordo com o MST, a Reforma Agrária Clássica não consegue resolver o que se transformou a produção capitalista de alimentos no Brasil, que o transforma em um dos maiores produtores de alimentos do mundo e ao mesmo tempo milhares de pessoas passam fome.

¹⁷ O Congresso Nacional é realizado a cada 5 anos são nesses congressos que o MST define suas políticas conjunturais e estruturais. A também os encontros nacionais realizados de 2 em 2 anos, eles são espaços de planejamento e decisão políticas do movimento nele os camponeses trocam experiencias e festejam. Carter 2009

7 A REFORMA AGRÁRIA POPULAR E O PLANO EMERGENCIAL

O Brasil e o mundo têm sofrido desde o ano de 2020 com a pandemia da corona vírus. Os problemas de desigualdade social que já existiam se potencializaram: a pobreza, a fome, o caos na rede pública de saúde são alguns que podemos destacar.

No final do ano de 2020 cerca de 19 milhões de pessoas estavam passando fome no país, na região norte onde está localizada o estado do Tocantins 60% da população tiveram alguma insegurança alimentar¹⁸.

Em um país que está em primeiro lugar na produção mundial de alimentos, os problemas citados acima parecem contraditórios. De acordo com a ENBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), foram produzidas cerca de 135,409 milhões¹⁹ de toneladas de soja no Brasil só no primeiro ano da pandemia. O estado do Tocantins possui uma das maiores áreas de arroz irrigada do Brasil²⁰, mesmo assim sua população tem sofrido com a escassez de alimentos.

Diante dessa realidade, o MST criou o Plano Emergencial de Reforma Agrária Popular²¹ que foi lançado em junho de 2020. A base desse plano emergencial é a Reforma Agraria Popular criada pelo movimento 2014 no VI Congresso Nacional. Na entrevista de lançamento do projeto, Kelli Mafort coordenadora nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, falou como foi pensado e construído o Plano emergencial:

Logo no início da pandemia, as frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo se uniram a outras organizações da sociedade brasileira para poder lançar uma plataforma emergencial com medidas relacionadas à economia, ao trabalho, alimentação, à proteção das pessoas do campo e da cidade, diante da COVID-19. Com base nesta plataforma emergencial nós fomos construindo, com as várias organizações, algumas medidas, com os povos do campo, das águas e das florestas, a Via Campesina, mas também todo o campo unitário do sindicalismo rural, dos trabalhadores assalariados, dos pescadores, das mulheres camponesas, dos indígenas, dos quilombolas. Fomos construindo um plano amplo trazido no nosso segundo seminário Terra e Território, no qual nós apontamos ali as questões fundamentais do campo na atualidade e o

¹⁸ <https://noticias.r7.com/economia/fome-atinge-mais-da-metade-dos-lares-brasileiros-na-pandemia-07042021>

¹⁹ <https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>

²⁰ <https://www.to.gov.br/secom/estado-do-tocantins-segue-como-um-dos-maiores-produtores-de-arroz-do-pais/>

²¹ <https://mst.org.br/2020/06/04/plano-emergencial-de-reforma-agraria-por-trabalho-alimentacao-moradia-e-vida-digna/>

quanto que nós teríamos também que nos articular enquanto resistência²². (MST, 2020)

Dentro do plano emergencial existem 4 pilares: (a) *Terra e Trabalho*, (b) *Produção de alimentos saudáveis*, (c) *proteger a natureza, a água e a biodiversidade*, (d) *Condições de vida digna no campo para todo povo*. Colocando em prática o que o movimento propõe com esses temas, muitas das questões sobre produção, distribuição de alimentos e ambientalismo estariam resolvidos no país, além dos problemas clássicos como a questão fundiária, a pobreza e a fome na cidade e no campo.

“É a nossa proposição e a nossa construção prática nesses 36 anos de movimento”, disse a agricultora. Segundo a visão do MST, a convivência harmoniosa é uma das consequências práticas da Reforma Agrária e não será possível a permanência no campo sem a preservação do meio ambiente. “Trata-se de um modo de vida na agricultura que é a construção da agroecologia: não é possível produzir alimento saudável, não é possível preservar o meio ambiente, se a gente não enfrenta diretamente a destruição que o agronegócio tem feito com todos esses biomas, os bens comuns da natureza”²³. (BRASIL DE FATO, 2022)

O Plano emergencial proposto pelo MST é um exemplo das ações diretas características dos movimentos sociais e populares no século XXI. De forma pedagógica através de diversas ações, o movimento vem demonstrando que a Agroecologia pode garantir a soberania alimentar do país. Exemplo disso são: As 6 mil toneladas de alimentos doados por todo o Brasil, as 1.150.000 marmitas distribuídas nas grandes regiões²⁴, produção de alimentos através das roças e hortas espalhadas nos acampamentos, assentamentos e cidades do país ²⁵, e o plantio de árvores projeto criado antes da pandemia mais que se agregou ao plano ²⁶

²² <https://contraosagrototoxicos.org/plano-emergencial-de-reforma-agraria-popular-por-trabalho-alimentacao-moradia-e-vida-digna/>

²³ <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/05/qual-a-importancia-do-plano-emergencial-de-reforma-agraria-popular-lancado-pelo-mst>

²⁴ <https://mst.org.br/2022/01/14/mst-ultrapassa-6-mil-toneladas-de-alimentos-doados-durante-a-pandemia>

²⁵ <https://mst.org.br/2021/10/19/conheca-as-hortas-agroecologicas-solidarias-que-fortalecem-comunidades-contra-a-fomes>

²⁶ <https://mst.org.br/2019/12/18/xxi-encontro-estadual-do-mst-no-tocantins-debate-sobre-conjuntura-e-meio-ambiente/> A proposta do MST para o estado do Tocantins é plantar árvores nativas.

8 A PEDAGOGIA DO MST

Para falar do processo de formação pedagógica do MST é necessário frisar que não estamos falando apenas do processo educativo escolar. A formação pedagógica do MST é a transformação do sujeito socialmente excluído, seja ele do campo ou da cidade em um sujeito Sem Terra. Para Caldart (2004), “Dizer ‘sou assentado’ é diferente de dizer ‘sou pequeno agricultor’. Assentado é simbologia, é sinônimo de resistência.”²⁷

Quando o sujeito excluído socialmente procura o MST em busca de uma terra, diversos são os motivos dessa procura, eu me atrevo a dizer, que essa busca parte do desejo de pertencimento, o sujeito excluído vive em um “não lugar”²⁸. Quando chega no MST através dos acampamentos seja na beira da estrada ou dentro de um acampamento produtivo, ele começa a construção de uma identidade “Sem Terra” e passa de sujeito excluído para “sujeito social”²⁹.

A práxis pedagógica do MST é um processo histórico pelo qual os camponeses passam desde a luta pela ocupação das terras nos acampamentos até sua permanência e garantia de seus direitos no território que vive e se efetiva. Como diz a pesquisadora Roselli Caldart 2004 e que é partilhada também por Marlene Ribeiro (2013), é a construção do sujeito social por meio de uma consciência coletiva.

Os sem –terras passam a ser sujeitos sociais à medida que se constituem como uma coletividade que traz para si (o que não quer dizer esgotá-la em si) a luta para garantir sua própria existência social como trabalhadores da terra, enfrentando aqueles que, nesta sociedade, estão destruindo a possibilidade dessa existência. Nesse sentido, um sujeito social se constitui (e se fortalece ou enfraquece) em um determinado contexto, dentro de relações sociais e, no caso do formato de nossas sociedades, dentro da luta de classes. (CALDART 2004, p.37)

Retomar a práxis pedagógica do MST como setor de formação política é compreender como ele, de alguma forma, criou as condições de organização política do Acampamento Dom Celso. Em quais perspectivas o acampamento compreendeu os eixos pedagógicos de luta e de resistência e quais foram os passos que deram em direção à construção do seu território de luta.

²⁷ Trecho de uma entrevista utilizada por Roseli Caldart na obra Pedagogia do Movimento Sem Terra

²⁸ http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200008

²⁹ Sujeito Social é o termo utilizado por Caldart 2004, para indicar uma coletividade que constrói sua identidade(coletiva) no processo de organização e de luta pelos seus próprios interesses sociais.

9 COMO A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO MST SE EXPRESSOU NO ACAMPAMENTO DOM CELSO?

O Acampamento Dom Celso é fruto de uma nova modalidade de atuação do MST, que abandonou as ocupações de beira de estrada e passou a ocupar o território com a proposta de criar acampamentos produtivos. O Acampamento Dom Celso fica a 18 quilômetros da cidade de Porto Nacional- Tocantins, cuja área ocupada se trata de um assentamento criado pelo INCRA (Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária) ainda no ano de 1995.

Figura 1: Barracos Acampamento Dom Celso



Fonte: Projeto de extensão Dom Celso, 2022.

Figura 2: Vista de uma das glebas do acampamento



Fonte: Projeto de extensão Dom Celso, 2022.

O nome do acampamento é uma referência a Dom Celso que foi bispo do município de Porto Nacional durante 23 anos e que participou ativamente da luta pela terra no regional Araguaia Tocantins através da Comissão Pastoral da Terra (CPT) sendo presidente quando Porto Nacional ainda pertencia ao Estado de Goiás³⁰.

O Acampamento é o início da construção social do sujeito Sem Terra. É nele que os sujeitos excluídos têm suas primeiras experiências políticas e pedagógicas, é essas experiências que faz a construção da consciência coletiva das trabalhadoras e trabalhadores sem terras, que através da luta, da coletividade, pela cultura, história, terra, trabalho e produção constrói o sujeito pedagógico Sem Terra.

³⁰ LIRA, Elizeu; a luta pela terra e a violência contra os posseiros na região de porto nacional-to: o protagonismo da cpt araguaia/Tocantins sob a liderança do bispo dom celso de almeida
<https://saber.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/27160/17140>

No caso do Acampamento Dom Celso, sua composição era (e continua sendo) de homens, mulheres, idosos e crianças excluídos, grande parte pertencentes a periferia de Porto Nacional e remanescentes do acampamento Sebastião Bezerra, instalado às margens da Rodovia TO-050:

Antes de entrar na luta pela terra, as famílias sem-terra têm no presente a sua obsessão: é nele que está a fome, a doença, a desesperança. Quando ocupam uma terra, essas famílias põe os pés no seu futuro, e já enxergam aquela terra produzindo a fartura de alimentos que naquele momento ainda lhes falta; e se o Movimento realizar seu projeto educativo, logo estarão enxergando não apenas a sua terra cultiva, mas cultivando um olhar que alcance todas a terras do país sendo produtivas e produzindo gente com saúde, dignidade, sonhos. (CALDART 2004, p.340).

Essa visão utópica possibilitam a construção do sujeito pedagógico do MST que através dos acampamentos a beira da estrada ou nos territórios pretendidos sonham com uma Reforma Agrária inclusiva.

Um dos princípios da pedagogia construída pelo Movimento Sem Terra é a luta social. Através dela, o sujeito sem-terra consegue visualizar a conquista de seu território. Para o movimento “tudo se conquista na luta e a luta educa as pessoas” (CALDART 2004, p.335).

A história do Acampamento Dom Celso é marcada por esse processo de luta, que educa e transforma a vida dos sem-terra. Desde o início do acampamento muitos conflitos ocorreram. Os acampados do Dom Celso vivem em luta constante contra a classe abastarda de Porto Nacional que utiliza de um território da união para fazer chácaras de lazer.³¹

As crianças e adolescentes do Dom Celso não estudam no acampamento elas se locomovem do acampamento todos os dias para estudar na cidade.

A primeira experiência da UFT no Acampamento Dom Celso, partiu da divulgação midiática de uma ação violenta no acampamento em março de 2017,³² onde 4 pessoas foram pressas dentro do acampamento acusadas de roubo e invasão de propriedade privada. Esse caso repercutiu na região, voltando os olhares da sociedade Portuense para o Dom Celso. Em um segundo momento próximo a esse episódio, a direção regional do MST procurou a UFT através

³¹ <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/14/pms-agem-com-violencia-durante-tentativa-de-desocupacao-de-acampamento-no-tocantins>

³² <https://mst.org.br/2017/03/13/pm-ataca-acampamento-sem-terra-em-porto-nacional-tocantins/>

do NURBA (Núcleo de Estudos Urbanos, Regionais e Agrários – UFT) em busca de parceria para ajudar a comunidade acampada do Dom Celso.

A parceria do MST com universidades é um dos caminhos para construir a educação do Campo, no caso da UFT essa parceria não tem início no Dom Celso, muito já se construiu dessa parceria universidade movimento social no estado do Tocantins.

O projeto de extensão Dom Celso, foi um desses elos de ligação entre universidade e movimento social o mesmo contou com a parceria do curso de Relações Internacionais com o histórico e combativo Núcleo Estudos Urbanos Regionais e Agrários da UFT (NURBA) e uma equipe multidisciplinar que estiveram no acampamento durante os anos de 2017 e 2018. Essa equipe pôde trabalhar de maneira transversal as atividades de pesquisa universitária com os eixos bases do movimento, como a cultura, Agroecologia e Educação³³.

Figura 03: Equipe extensão em conversa com acampados



Fonte: Projeto de Extensão Dom Celso 2017

³³ Para acessar o projeto <http://download.uft.edu.br/?d=6628fba2-ef8b-435c-bb29-93aff67d2e74;1.0:Anais%20do%20VII%20Semin%C3%A1rio%20de%20Extens%C3%A3o%20e%20Cultura%20-%20conectando%20saberes%20e%20pr%C3%A1ticas.pdf>

Durante o período que esteve no acampamento essa equipe de alunos e professores, pode vivenciar o processo constante de luta e organização do acampamento, frente aos conflitos internos próprios da construção coletiva do MST ou externos devido a disputa territorial com os fazendeiros que se diziam proprietários daquela área.

Junto com o movimento puderam construir a roça agroecológica, a horta, a praça da juventude e a biblioteca Pedro Tierra dentro do acampamento. Essas experiências puderam demonstrar a práxis da ação pedagógica do MST, para construir a consciência coletiva que o movimento propõe.

A contestação social é um dos aprendizados da pedagogia da luta, no Dom Celso pode-se perceber essa expressão pedagógica em muitos momentos, quando houve a prisão dos militantes. Os acampados produziram faixas e foram para a frente da delegacia de Porto Nacional. Jovens mulheres e crianças pediam a soltura dos presos. Após 23 dias de prisão os quatro membros do movimento foram soltos. Em entrevista à Revista Brasil de Fato, uns dos presos fala sobre o acontecido.

“Foi a pior coisa que eu vivi na vida, nunca tinha passado por isso. Isso mexeu com o meu psicológico, mexeu com tudo, porque é pagar por uma coisa que você não deve. Nós estávamos sentados lá longe, em um barraco, quando a polícia chegou dando tiros. Entrou nas casas, pegou facões e bateu em nosso companheiro, empurrou uma arma nas minhas costas. Todo mundo está afetado com o que aconteceu, porque todo mundo trabalha junto, então nós que fomos presos representamos todos eles que estão lá na luta. Não temos outro lugar para ir”, afirmou³⁴. (Brasil de Fato, 2017)

Na fala do acampado, percebemos algumas características do processo pedagógico da luta social, matriz pedagógica do MST, a contestação. Pelo fato de ter sido preso indevidamente, o processo de luta pela terra e trabalho e o senso de coletividade ficam evidentes quando afirma que o sofrimento vivido afetou a todos. Para Caldart 2004 esses são processos que caracterizam o surgimento dos “novos sujeitos” que transforma trabalhadores em “luta coletiva”.³⁵

A Educação é parte importante na luta do MST. Construir uma pedagogia que colaborasse com a construção social a que pretendia, foi um processo dentro da história do

³⁴ Entrevista de um dos presos no Dom Celso: <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/31/militantes-do-mst-presos-por-23-dias-sao-libertados-juiz-alega-erro-de-acusacao>

³⁵ Tanto o conceito de “novos sujeitos” quanto o de “coletividade em luta”, são categorias utilizadas por Caldart 2004, p.35-37 para falar da construção da identidade Sem Terra.

Movimento, o coletivo de educação foi um dos percussores na construção de um modelo educacional para os assentados do MST.

A construção da educação como eixo pedagógico, no projeto de reforma agrária, vai muito além da sala de aula, construído a partir do pensamento socialista de pedagogos com Paulo Freire que coloca trabalhadoras e trabalhadores como sujeitos de educação, com participação ativa e construindo possibilidades da elaboração de um modelo educacional próprio³⁶.

A escola no Acampamento Dom Celso foi umas das ações que o projeto de extensão acompanhou e colabou na construção, as crianças Sem Terrinhas. Sem dúvida foi um dos marcos do projeto. Todas as ações foram fruto da parceria entre o acampamento e universidade.

Construir a biblioteca e a praça para eles e junto com eles, foi a práxis da pedagogia do movimento, que é construída pelo exemplo muito mais do que pela teoria³⁷. Esse é o sentido da pedagogia do MST: a construção de um movimento com ações concretas que envolvam crianças jovens e mulheres e homens em luta (Rossetto, 2021).

A biblioteca teve que ser desmontada e essa foi também uma ação simbólica de aprendizado e luta. A quem importa uma biblioteca dentro de um acampamento do MST? As crianças Sem Terrinhas estavam ali presentes, na ocupação da residência do caseiro e na construção da biblioteca. Aquele espaço passou a ser o ponto de encontro das crianças do acampamento e montar e desmontar a mesma foi um momento simbólico de construção da história dos sem-terra naquele território. “Se é na luta que o sujeito Sem Terra é construído é na luta que as crianças vão se tornando Sem Terrinhas” (Rosseto, 2021, p.87). A autora fala desse lugar da criança no MST. “Uma vez que a condição de sem-terra envolve toda a família, no MST o lugar da criança não é outro se não o da própria luta; e é nesse contexto educativo que se engendram também grande parte das experiências de suas infâncias” (ARENHART 2007, p.10)

Outra expressão pedagógica perceptível nas vivências dentro do acampamento é a organização coletiva, a equipe do projeto de extensão pode participar de algumas dessas organizações coletivas internas, a construção da plenária, a construção da roça agroecológica a

³⁶ Marlene Ribeiro 2013, p. 62-72 fala da contribuição de Paulo Freire a educação popular no Brasil

³⁷ Essa afirmação é de uma entrevista utilizada por Caldart 2004, p. 267 onde João Pedro Stedile sobre a História do MST em 1997.

Canalização da água potável, a procura de ônibus escolar para as crianças e adolescentes e a construção da cozinha para a comemoração dos 20 anos do MST no estado.

Com essas ações os acampados aprendem a importância da coletividade, não é de forma linear que esse processo de educação coletiva acontece, conflitos e contradições são recorrentes, mais é esse movimento que o trabalho coletivo proporciona que educa os sem-terra.

É perceptível a construção social da luta no Acampamento Dom Celso através de uma pedagogia própria do MST que pensa o movimento social como princípio de educação que está no todo da vida dos acampados, uma educação que vai além da escola que forma sujeitos sociais através da ação e reflexão.

Ações como a construção da horta ou da roça pode de certa forma não ter dado certo mais são ações como essas que vão construindo e enraizando os princípios e valores do MST nas identidades dos acampados como pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra o MST.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o Acampamento Dom Celso é tentar contribuir com a construção histórica do momento presente. O Dom Celso se faz resistência em um momento em que a política nacional ver nos movimentos sociais um inimigo para o modelo de economia e desenvolvimento do seu projeto de governo.

O Acampamento Dom Celso criado em 2015 presenciou o fato histórico da perda do mandato da presidenta Dilma Rousseff. Diante da realidade do Impeachment o MST se posicionou contrário ao golpe, para o mesmo, o que estava acontecendo na política era um golpe parlamentar, judicial, midiático que esse não era a única manifestação do início da perda dos direitos sociais da população brasileira³⁸.

Não sem tempo, quando Michel Temer assumiu o poder, vários direitos sociais foram retirados do povo em forma de reformas políticas. Direitos garantidos historicamente e as duras penas. Os direitos trabalhistas, educacionais e previdenciários, dentre outros, foram rapidamente desmontados e a reforma agrária foi paralisada. Com a consolidação do golpe o governo executa políticas agrárias diretamente ligadas aos grandes latifundiários e aos interesses internacionais.

Sob a pecha da privatização, vários elos correspondentes à cadeia de valor do agronegócio são repassados ao setor privado, que passa a controlar não só a produção como também a circulação das commodities. Contrárias às demandas dos movimentos sociais camponeses, este período reascendeu os conflitos agrários pelo país.

Se antes havia uma promessa de assentar as famílias com mais de 10 e 15 anos de acampamento, o que se viu nas mídias foram violentos ataques a esses acampamentos, além das desapropriações violentas, o que fez crescer a violência e a criminalização dos movimentos camponeses.

No estado do Tocantins ocorreram várias reintegrações de posse neste período. No município de Fortaleza do Tabocão, mais de 500 famílias foram expulsas da fazenda Santa Barbara no mês de setembro de 2017³⁹. Outro caso é o do município de Palmerante que fica

³⁸ <http://www.mst.org.br/2015/12/21/movimentos-sociais-defendem-democracia-e-fim-do-ajuste-fiscal.html>

³⁹ <https://conexaoto.com.br/2017/09/19/mst-alerta-para-despejo-de-mais-de-500-familias-do-acampamento-olga-benaria-movimento-teme-violencia>

próxima a capital do Tocantins Palmas. Na ação, 18 famílias também tiveram que desocupar a terra onde estavam a mais de 10 anos⁴⁰. No Acampamento Dom Celso, tema deste artigo, já se somam três os atentados e uma retomada de posse⁴¹. Segundo dados da CPT, houve um aumento de 40% do índice de violência no campo, no ano de 2016⁴², comparado ao ano anterior. Diante de tudo isso, o que se percebe é uma mudança drástica no cenário político e social do país.

No ano de 2018, com a eleição presidencial, esses dados só cresceram dando maior desestabilidade e vulnerabilidade à luta pela terra no Brasil.

O acampamento Dom Celso que chegou a abrigar 150 famílias no seu início, possui um número mínimo de famílias atualmente, mesmo assim continuam resistindo e construindo a luta, quando procuramos notícias nas redes sociais sobre o MST no estado do Tocantins o que encontramos é história de conflitos e reintegração de posse. Enquanto os movimentos tentam resistir em seus territórios e produzir alimentos as políticas com relação a reforma agrária estão paradas inclusive o processo do Dom Celso.

O acampamento Dom Celso foi (e continua sendo), um marco da resistência do MST no Tocantins. A lógica subordinadora do campo também expulsou famílias da cidade por conta da especulação imobiliária. Muitos que foram morar no acampamento Dom Celso não tinham experiência com a terra, por isso a ação formativa do MST foi tão importante na configuração do território de luta e na permanência dessas pessoas naquele território em disputa. Apesar de diversas contradições, o acampamento foi expressão desse duplo movimento do capital que expolia e exclui trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade. A heterogeneidade das acampadas e acampados do Dom Celso certamente foi um dos desafios do movimento. Mas a composição histórica desta luta deu contornos e expressões próprias para as famílias que ali estavam vivendo e lutando.

A experiência que o grupo de alunos e professores da Universidade Federal do Tocantins tiveram, através do projeto de extensão, garantiu que pudéssemos acompanhar e participar da configuração do acampamento e da formação política dos seus moradores. Inúmeras foram as experiências debaixo da plenária que reunia todos os sábados os moradores. A agroecologia, a educação de crianças e jovens, as conversas debaixo das árvores, a construção da praça da

⁴⁰ <https://conexaoto.com.br/2018/04/18/dezoito-familias-camponesas-que-ocupavam-a-area-ha-mais-de-dez-anos-deixaram-o-local-pacificamente>

⁴¹ Reportagem do Jornal Porto Mídia 19 de outubro de 2021: <https://www.youtube.com/watch?v=249nbjLiGeU>

⁴² <https://terrasedireitos.org.br/noticias/noticias/cpt-2016-ano-do-golpe-e-do-aumento-da-violencia-no-campo/22463>

juventude, as visitas aos acampados e acampadas nos deram a oportunidade de visualizar e compreender a população que lá estava vivendo. Alguns pescadores, outros com habilidades de plantação, mulheres que faziam artesanato, outras que se dedicavam a aprender receitas de pães, fazer sabão com os ensinamentos sobre economia solidária... Muitas foram as ações que permitiram a coletividade se fortalecer.

Entretanto a violência nunca deixou o acampamento. Como já relatado, foram inúmeras vezes que as ameaças e os ataques aconteceram. Eventos como esse amedrontaram diversas famílias que tiveram medo de permanecer e abandonaram a luta. O medo e a violência são as marcas do grande capital. E infelizmente sair do acampamento foi a solução para inúmeras famílias que só queriam proteger seus filhos.

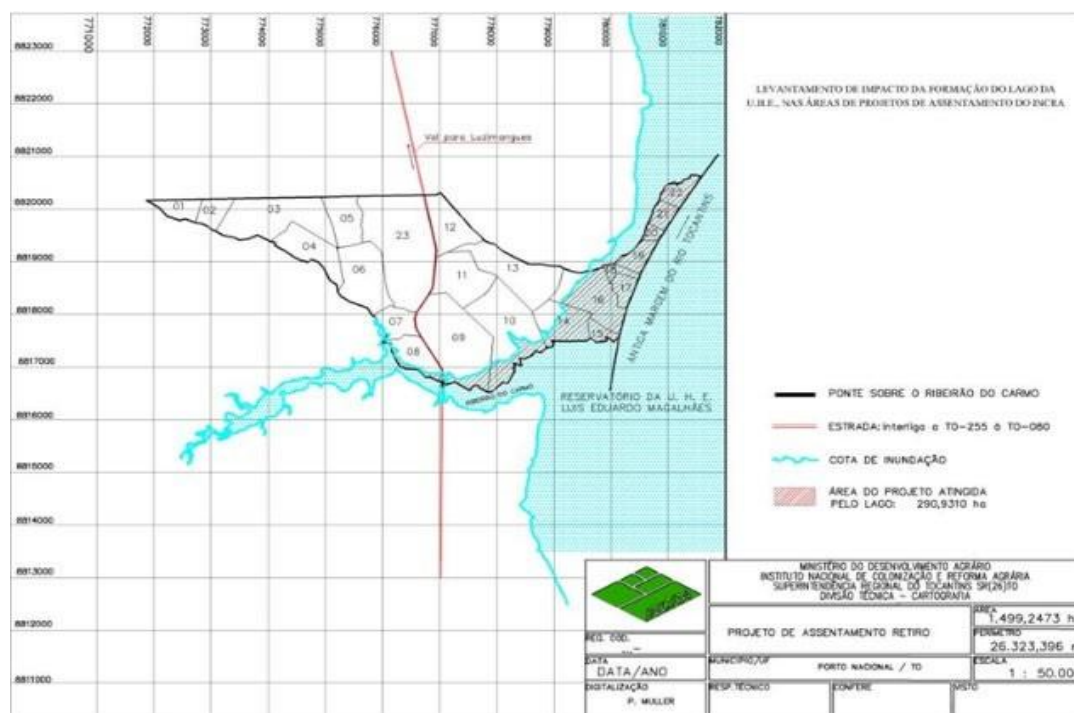
No ano de 2021 o Dom Celso sofreu mais um ataque por pistoleiros, o Jornal Porto Mídia esteve no acampamento para conversar com os acampados. Analisando a fala dos entrevistados percebi uma firmeza e um posicionamento político que me fez chegar à conclusão de que o pensamento das famílias que ali resistem não são o mesmo que encontramos no ano de 2017.

JPM. *Alguém alegou que vocês estavam dentro de área particular?* **M.de Lurdes:** *Não. A gente tava dentro da área da gente, eles que quer toma um pedaço da área da onde nós mora.*

JPM. *Então explica pra gente aí a questão. este mapa aqui é dos terrenos aqui do acampamento?* **José Ferreira:** *Dos terrenos do acampamento PA Retiro, nós tava com três lote agora nós tem cinco, seis, sete. Os terrenos deles é esse aqui o treze, ai eles tão querendo pegar metade do onze, o onde está o treze, eles quer pegar metade do onze aqui emendando pra cá, racha aqui emendando nessa ponta deles que é estreita... eles quer cortar o onze pra usa essa ponta... Se o deles é o treze eles tem que comer só os treze não pode passar pro onze como nois vai tirar essa medida do mapa... o onze já é do INCRA que o INCRA quando dproprio nós do lugar que nós existia jogaram nós pra cá, entregueado pelo INCRA não foi por nós que entrou aqui não⁴³...(Jornal Porto Midia 2021).*

⁴³ <https://www.youtube.com/watch?v=249nbjLiGeU>

Gráfico: Mapa PA Retiro/ Acampamento Dom Celso



Fonte: Arquivo MST Tocantins 2018

As falas dos acampados me fazem compreender que não é um processo fácil a construção do sujeito social a que o MST propõe, e que essa construção que começa na base acampada necessita de amparo político e pedagógico. É na luta que os sujeitos se transformam.

A Escola Florestan Fernandes mesmo distante é o elo de formação para que esse processo pedagógico chegue aos acampados do Dom Celso. Em umas das vivências no acampamento me recordo de um jovem militante que tinha um grande desejo de ir para a ENFF. Ele queria aprender agroecologia na escola nacional para poder ajudar os acampados do Dom Celso e de outros acampamentos da região.

O avanço na educação do MST no século XXI é sem dúvida, o elo de transformação social almejado pelo movimento, que mesmo diante de tantos conflitos ainda consegue se posicionar contra o modelo de capital que expulsa, mata e oprime os camponeses. Produzir, distribuir alimentos saudáveis e construir escolas são sem dúvida ações, que incomoda os possuidores da terra e poder no Brasil.

REFERÊNCIAS

- CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do movimento Sem Terra*. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CARTER, Miguel (org.). *Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Editora UESP, 2010.
- DI MEO, Giulio. *MST 30 anos: retratos de gerações em lutas*. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 11.ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- NETO, Antonio Julio de Meneses. *Movimentos sociais e educação. O MST e o Zapatismo entre a autonomia e a institucionalização*. 1.ed. – São Paulo: Alameda, 2016.
- LIRA, Elizeu Ribeiro; SANTOS, Roberto de Souza (org.). *Fronteira, território e cidades no cerrado: Discursões e reflexões socioterritoriais*. Goiânia: Kelps, 2017.
- RIBEIRO, Marilene. *Movimento Camponês, trabalho e educação: liberdade autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana*. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- ROSETO, Edna Rodrigues Araújo. *A organização do trabalho pedagógico nas cirandas infantis do MST: Lutar e brincar faz parte da escola de vida dos sem terrinhas*. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- SANTOS, Roberto de Souza et al. (org.). *Território e diversidade territorial no cerrado: Projetos regionais, cidades e conflitos socioespaciais*. Vol. II. Goiânia: Kelps, 2015.